

A Companhia de Fuzileiros (1)

Tradução do Ten-Cel. OSCAR ROSA

O ATAQUE

O movimento para a base de partida é uma continuação da marcha de aproximação. Os exploradores, as patrulhas, e os observadores, fornecem a necessária segurança durante esse movimento. Os pelotões testas mantêm a formação de marcha até que sejam obrigados a atirar, a fim de poderem prosseguir no avanço. Para isso, eles completam o seu desenvolvimento.

O fogo é aberto mediante ordem do Cmt. do pelotão; o Cmt. da Cia. pôde, entretanto, reservar-se o direito de dar essa ordem se quizer conseguir os efeitos da surpresa.

Ao chocar-se com o inimigo, o pelotão procura, desde logo, conseguir a superioridade de fogo, de modo que o do inimigo fique incerto ou diminua de intensidade. As armas de apôio do Btl. e a Artilharia, se necessário, cooperam no ataque contra a posição inimiga, procurando bater de preferência, as unidades ou reservas colocadas mais a retaguarda e que, de qualquer forma, possam cooperar com suas armas no combate. O Cmt. da Cia. emprega os seus meios de fogo contra os elementos do inimigo que não possam ser alcançados ou detidos pelas armas que o apôiam. A superioridade de fogo assim conseguida pelo seu próprio fogo e pelo fogo das outras armas, deve ser imediatamente aproveitada para retomar o movimento para frente, seja infiltrando os seus elementos, seja manobrando os pelotões reservas. Durante esse movimento o apôio de fogo deve ser mantido, pelos elementos detidos e pelas outras armas do Btl. Os Cmts. de grupos e pelotões devem aproveitar qualquer tregua no fogo do inimigo

(1) Do "The Infanthy Journal" — Março — 1943.

para melhor ajustar seus elementos no terreno, ocupando pontos mais favoráveis de onde seja possível, em melhores condições, abrir seu fogo sobretudo das armas automáticas. Esta combinação de fogo e movimento, permite aos elementos atacantes de fuzileiros a alcançarem posições de onde possam subjugar o inimigo, assaltando si necessário.

Consequência da desigual resistência oferecida pelo inimigo, das diferenças encontradas no terreno e do auxílio que recebem das armas de apôio, algumas unidades podem avançar, enquanto outras ficam detidas.

As Cias. ou pelotões, dentro dos limites de apôio de fogo, devem prosseguir seu movimento na conquista dos objetivos que lhes foram assinalados, de modo a flanquear as resistências que deteem os seus vizinhos, concorrendo para seu desbordamento ou mesmo para cooperar no ataque, se isso lhe fôr determinado, pois esse movimento permite muitas vezes que se obtenha posições para as mtrs. que tomarão sob seus fogos o flanco do inimigo em posição.

Isso permite também que, nas brechas assim conseguidas, se empregue as reservas das Cias., que irão envolver ou atacar pela retaguarda o inimigo em posição.

Por meio desses movimentos, frontais e de flanco, se consegue destruir os diversos pontos de resistência do inimigo.

Uma vez iniciado o combate, a ação do Cmt. da Cia. sobre o seu escalão fogo é limitada ao emprego de seu escalão reserva.

Para levar avante o cumprimento de sua missão, agindo eficientemente em tempo util, o Cmt. precisa estar constantemente ao par do que está ocorrendo à sua frente e nos seus flancos. Para isso, ele deve ficar num ponto tal que acompanhe, nos seus mínimos detalhes, o desenvolver da ação em que está empenhada sua sub-unidade. Si não fôr possível abranger de um só golpe de vista todo o terreno onde ela se desmolda, deve ao menos, ter sob suas vistas as partes mais importantes.

Ele determina, então, que *observadores* estejam em outros pontos acompanhando a ação e vigiando os flancos. O

posto escolhido pelo Cap. deve ser de fácil acesso, de modo a permitir o movimento de ida e volta dos diversos agentes de ligação.

Ele deve também permitir uma rápida ligação com o seu posto de comando, com os seus elementos reservados e com as armas de apóio á sua disposição.

Sempre que, por uma razão qualquer, não possa o Cap. ter um contróle perfeito sôbre toda a sua Companhia, ele deve procurar mais de um posto de observação e de onde possa sempre acompanhar e apóiar, se necessário, os seus elementos empenhados em combate que possam influir de modo decisivo na conquista de seus objetivos.

Geralmente acompanham o Cmt. da Cia., um sargento de informações, um padioleiro, um corneteiro, o ordenança da Cia., o sargento furriel, um agente de ligação de cada um dos pelotões e, também, um agente de ligação das secções de petrechos que tiverem sido postas á sua disposição. O restante do Grupo de Comando fica no P. C. da Cia.

Geralmente o Cmt. da Cia. manda ordens verbais ou escritas aos seus Cmts. de pelotões e aos de secções de petrechos quando á sua disposição, por intermédio dos agentes de ligação desses mesmos elementos. Por intermédio da secção de comando ele se dirige ao Cmt. do Btl. e aos Cmts. das Cias. vizinhas. Ele usa seu aparelho radio-telefonico extra-sensível para comunicar-se com os elementos de sua companhia que exijam uma ligação rápida e de interesse vital ou com aqueles cuja ligação por estafetas ou por sinais vizuais não seja possível.

Frequentemente ele designa um oficial da companhia ou 1.º sargento ou o sargento aprovisionador para fiscalizar o movimento das viaturas transporte de armas. Exige do encarregado das viaturas informações sobre as localizações de seus elementos mais avançados.

Para assegurar um perfeito contróle sôbre seus pelotões e das secções de petrechos, posto á sua disposição, o Cmt. da Cia. deve saber o local exato onde os mesmos se acham e que estão fazendo. Como complemento de suas observações

pessoais e dos elementos que o cercam, ele exige dos Cmts. de pelotões relatórios periódicos nos quais conste a posição exata e as ocorrências havidas. Ele expede seguidamente os agentes de ligação até seus pelotões levando informações dos fatos mais importantes ocorridos e que sejam úteis conhecer, recebendo, por sua vez, dos comandantes de pelotões e secções postos a sua disposição, as informações por eles enviadas. Esse intercâmbio constante é muito útil e produz ótimo resultado para que o Cmt. da Cia. exerça um perfeito contrôlle sobre seus elementos.

Durante o ataque, o Cmt. da Cia. deve procurar obter a mais completa coordenação, não só entre seus pelotões, como também entre eles e o fogo das armas que os apoiam. Ele não deve atribuir aos seus pelotões missões que possam ser rapidamente cumpridas pelas armas de apoio e nem tão pouco, determinar um ataque sem o necessário apôio de fogo, quando, contando com êle, poderia poupar tempo e vidas. Ele só deve empregar as armas de apôio posta à sua disposição depois de conhecer a situação exata de todos os seus elementos. Quando ele vir que o apôio de que dispõe é insuficiente, deve se dirigir imediatamente ao Cmst. do Btl. pedindo auxilio (1) (Isso geralmente será feito por intermédio do seu agente de ligação).

O Pel. de petrechos deve avançar imediatamente, sempre que fôr impossivel manter um fogo eficaz da posição occupada e sempre que o terreno conquistado oferecer posições que permitam um melhor apôio de fogo.

O Cmt. da Cia. não deve esquecer que suas Mtrs. leve (org. americana) não são capazes de oferecer um fogo muito denso e que o remuniamento constitue, geralmente, sério problema. Assim, ele deve concentrar o fogo de suas Mtrs. sobre alvos limitados e quando ele possa com isso assegurar o movimento de seus próprios pelotões e dos pelotões das sub-unidades vizinhas ou ainda, lhes fornecer o necessário apôio de flanco. Ele deve tirar dessas armas as maiores vantagens, se

(1) — Fogo de artilharia ou da Cia de petrechos pesados.

atuando de flanco sôbre as resistências inimigas, como foi dito linhas atrás, seja colocando-as de forma tal que possam apoiar qualquer contra ataque seja neutralizando qualquer arma que venha a se revelar hostilizando de flanco as tropas que avançam.

O avanço de seus morteiros deve ser cuidadosamente regulado e de tal forma que estejam sempre em condições de atender as necessidades dos pelotões de fuzileiros.

Não esquecer que o pessoal do morteiro só pode conduzir nas mãos, cuidado na escolha dos objetos e no gasto de munições. Só atirar nos seguintes objetivos :

- Mtrs. ou morteiros inimigos em posição desenfiaada ou pessoal entrincheirado ou na entrada de um vale impedindo definitivamente o avanço e que d'ante-mão se sabe estarem situados numa área limitada (cerca de 50 m quadrados);
- posições avançadas inimigas, visando manter a superioridade de fogo durante o avanço final dos elementos de fuzileiros dentro da distância do assalto e enquanto outras armas de apôio estão mascaradas;
- contra-ataques inimigos, quando o fogo do morteiro for essencial, seja para detê-lo, seja para enfraquecê-lo, com o objetivo de ganhar tempo para outras providências.

O comandante da companhia é o responsável pela dissimulação de suas viaturas transportes na zona da companhia. Sendo, muitas vezes difícil carregar a munição a braço à distancias consideráveis, ele determina sempre que as viaturas munição sejam levadas o mais a frente possível.

A reserva da Cia. deve estar perto do escalão atacante de modo a apoiá-lo prontamente se por acaso sobrevier qualquer contra-ataque inimigo. Se o Cmt. da Cia. tiver disposto o seu escalão reservado para seguir o seu 1.^o escalão, deslocando-o de posição em posição, deve ter o suficiente cuidado para que ele se mantenha conveniente para não ficar exposto

aos fogos dirigidos contra o escalão atacante. Se ele, ao contrário, inicialmente, dirigiu sua reserva para uma determinada posição e vier a necessitar, deve expedir, em tempo, ordens para o seu deslocamento.

O terreno ou a situação podem determinar uma mudança seja na missão dada inicialmente à reserva, seja na redução ou aumento da distância que deve ser mantida em relação ao escalão atacante. Nesses casos o cmt. da Cia. deve bem ponderar esses fatores para dar, em tempo as ordens em consequência.

A reserva só deve ser empregada em casos especiais. Afora os casos de emprego para aproveitar uma vantagem repentina do decorrer do combate ou para um golpe decisivo ou ainda para repelir um contra-ataque, a reserva da Cia. não deve ser empregada enquanto os pelotões de 1.º escalão estiverem em condições de agir por si próprios ou quando as armas de apôio sejam capazes de sozinhos conduzir o ataque.

Mas, quando se oferecer a oportunidade para um golpe decisivo ou quando o emprego da reserva fôr necessário para manter o ritmo de um ataque desencadeado, o Cmt. da Cia. não deve hesitar em empregar a sua reserva. Em ambos os casos ele deve de preferência orientá-la para ataques nos flancos ou empregá-la nos locais onde o ataque tenha obtido maiores êxitos. Se necessário, poderá ser empregada nos intervalos de dois elementos já engajados. Não empregá-la na zona de ação das unidades vizinhas, sempre antes tenha entrado em ligação com os seus Cmts. Sempre que o Cmt. da Cia. utilizar a sua reserva, deve sem perda de tempo organizar uma outra, seja pela recuperação de elementos que pela sua posição não possam mais atirar, seja pelos elementos ultrapassados substituídos, seja ainda pelos elementos extraviados e em casos extremos, pelos elementos de seu próprio grupo de comando. Não organizá-la com elementos que, estando realmente sob fogos, importe sua retirada em graves perdas.

Sendo bem possível que as medidas tomadas inicialmente para a proteção dos flancos, não se mantenham eficazes até o final do ataque, torna-se necessário que o Cmt. da Cia. tom

suas providências para evitar uma surpresa. Assim, ele determinará que seus elementos de ligação e seus observadores acompanhem os movimentos de seus elementos e dos elementos vizinhos, dando informações seguidas sobre sua posição. Se tais informações não chegarem, como seria de desejar, o Cmt. da Cia. toma outras medidas mais eficazes para que seja bem informado. Ele toma suas providências, prevendo mesmo as medidas que terá de adotar em caso de sobrevir mudanças na situação e que importem em proteção ativa de seus flancos.

Quando os intervalos existentes entre sua unidade e unidades vizinhas poderem ser batidos pelos seus fogos e dos que lhe estão ao lado, os elementos de ligação bastam para estabelecer o contacto. Se esse intervalo, por uma razão qualquer aumenta expondo seu flanco a qualquer risco, ele então deve empregar um elemento de fogo capaz de cobrí-lo em caso de necessidade. Uma ou mais patrulhas desempenharão essa missão.

O Cmt. da Cia. só deverá dar apôio as unidades vizinhas, quando isso lhe fôr determinado ou quando esse auxílio redundar em seu benefício ou em benefício do Btl.

O apôio que permite as unidades vizinhas da retaguarda avançar, é geralmente um ótimo meio de assegurar um apôio ao flanco da Cia.

O apôio pelo fogo e movimento é comumente mais eficaz do que o apôio dado só pelo fogo. Entretanto, o movimento deve ser fortemente apoiado, não só, pela propria unidade que avança, se fôr o caso, como pelo das unidades que por ele estão sendo beneficiadas. Esse movimento deve também ser limitado as suas necessidades futuras e não progredir de mais para ter depois seus movimentos retardados.

Quando o primeiro escalão tiver aproximado bastante das posições inimigas, com auxílio dos seus próprios fogos, estes devem cessar para que o assalto seja levado a efeito. Essa cessação de fogo, segundo as circunstâncias, poderá ser determinada pelo Cmt. da Cia. mediante sinal, ou mediante horário, reviamente combinado com o Cmt. do Btl.

Quando cessar o fogo de apôio, deve ser iniciado o fogo do assalto para evitar que o inimigo recobre suas forças aumentando suas defesas.

Nessa ocasião, os fôgos que até aí apôiam o ataque, devem ser dirigidos contra os flancos do inimigo e contra os elementos colocados à retaguarda e que sejam capazes de intervir, seja durante o assalto, seja após a captura da posição.

O Cmt. da Cia. é responsável pela partida para o assalto.

Quando alcançada a distância de assalto, é ele iniciado pelos elementos subordinados ou determinado pelo Cmt. da Cia., como já foi dito, mediante sinal ou comando, que é repetido por todos os oficiais e sargentos.

Sendo o assalto bem sucedido, o Cmt. da Cia. deve movimentar sua reserva e Sec. de petrechos, para assegurar desde logo posições que permitam o prosseguimento do ataque, ou se fôr necessário, proteger a reorganização da Cia.

O ataque deve ser levado a efeito em toda extensão da posição inimiga e até os objetivos finais da Cia. de modo a não fornecer ao inimigo qualquer oportunidade de reorganizar sua defesa. O Cmt. da Cia. lança mão de todos os meios à sua disposição para conseguir êsse resultado, atacando a fundo e explorando desde logo os resultados obtidos.

Se o pelotão de reserva ainda não tiver sido empregado o Cmt. da Cia. pode empregá-lo em benefício do escalão atacante, seja reforçando, seja prolongando seu flanco, seja ainda empregando-o em ataques envolventes permitindo assim a captura dos objetivos sucessivos da Cia.

Se as distâncias entre os objetivos da Cia. forem de tal ordem que não impliquem na abertura imediata do fogo de elementos do 1.º escalão, a Cia. poderá retomar as formações adotadas para a marcha de aproximação.

O ataque contra os demais objetivos da Cia. é executado de maneira semelhante ao levado a efeito contra o primeiro.

Sempre que um Chefe tombar no decorrer do combate deverá ser substituído imediatamente. As substituições, e consequência, deverão ser adiadas até a conquista do último

objetivo. Entretanto a Cia. deve ser de pronto reorganizada toda vez que as peripécias do combate a privem de ser empregada eficazmente como elemento combatente. Si o fogo do inimigo o permitir, os pelotões procurarão posições abrigadas e onde possam ser completamente reorganizados.

Se isso não for possível, far-se-á uma reorganização parcial nas próprias posições. O tempo de reorganização, em qualquer caso, deve ser o menor possível.

O Cmt. da Cia. deve proteger a reorganização de sua companhia determinando a entrada em posição, rapidamente, de seu pelotão de petrechos de modo a cobrir pelo fogo sua frente de flanco (s) expostos a qualquer contra-ataque inimigo. Lançará, também, patrulhas, tiradas dos pelotões de primeiro escalão ou da reserva, não só para cobrir a frente, como também, para manter o contato com o inimigo.

Se ao comandante do pelotão de petrechos é dado a missão de proteger a reorganização da Cia. as patrulhas, acima referidas, devem ficar-lhe subordinadas.

Afora essas precauções, o Cmt. da Cia. ainda deverá dispôr de uma pequena reserva pronta para reforçar os elementos da proteção e a repelir contra-ataques do inimigo.

Ao determinar a reorganização dos pelotões, o Cmt. da Cia. exigirá, finda a mesma, um relatório onde conste o efetivo restante e a quantidade de munição existente para prosseguimento da missão.

Baseando-se nos relatórios apresentados pelos Cmts. de pelotões, ele faz o remuniamento dos pelotões. Para isso, ele faz avançar as viaturas munição carregadas, ou, se fôr o caso, apela para o Btl.

Ao mesmo tempo ele encaminhará ao Btl. com o seu relatório, tudo que tenha apreendido do inimigo, inclusive os prisioneiros e que possa sêr útil ao Btl. Ele escolhe essa ocasião para não distrair muitos elementos para essas diversas missões. Fará tudo de uma só vez, economizando efetivo.

O fim da reorganização é de tornar a Cia. novamente um grupo homogêneo capaz de novo esforço ofensivo.

Atingidos seus objetivos, a Cia. só iniciará a perseguição se para tal houver recebido ordens do Cmt. do Btl. Isso não que dizer que a Cia. não persiga o inimigo com o seu fôgo, quando o mesmo se retirar.

Iniciada a perseguição deve ela sêr executada resoluta e rápidamente e deve se prolongar até o limite máximo das possibilidades humanas. Quando uma Cia. de fuzileiros recebe ordem de perseguição a formação a adotar é a da marcha de aproximação quando se está prestes a tomar o contacto com o inimigo. Ao(s) pelotão(ões) de 1.º escalão é dada a missão de vasculhar e de limpeza da frente de ação da Cia., isso sem prejuizo da rapidez do movimento afim de manter o contacto com o inimigo e recalá-lo, caso procure retardar nosso avanço. Se o(s) pelotão(ões) não puder(em) subjugar rápidamente qualquer resistência encontrada, deve procurar fixando-a de frente, manobrar em seguida. Esse(s) pelotão(ões) é (são) reforçados com um morteiro de 60 mm e geralmente com uma ou duas mtrs. (afora os sapadores para remoção das minas deixadas) (1)

O n.º de pelotões a atribuir ao 1.º escalão, será função da frente atribuida a Cia. Se maior de 500 mts. serão necessários 2 pelotões.

O restante da Cia. deve seguir o primeiro escalão a uma distancia que permita eficientemente apôia-lo em tempo útil e deve adotar uma formação tal que não só responda a essa exigência como, também, seja capaz de repelir qualquer contra-ataque dirigido a um dos flancos da Cia., ou envolver qualquer resistência encontrada pelos pelotões de 1.º escalão. E', as vezes, recomendado escalonar a reserva dispondo o pelotão de petrechos no centro do dispositivo e os de fuzileiros em cada um dos flancos :

80

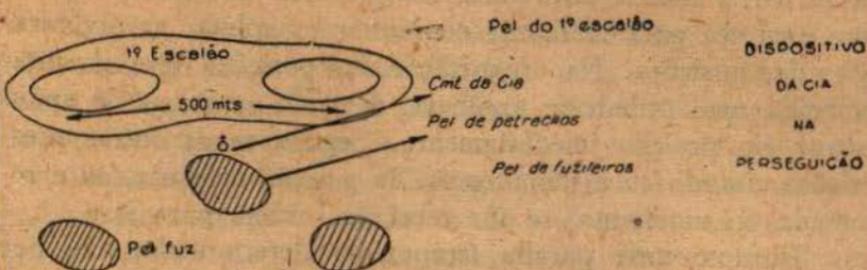
830 838 841

881916 8822 874

ovitels obneximono

881916 8822 874

(1) — Nota do tradutor.



Se a reserva da Cia. ainda estiver intacta no início da perseguição, ela poderá ser empregada imediatamente ultrapassando os elementos até aí em 1.º escalão, os quais serão reagrupados, reorganizados e passarão a reserva da Cia. seguindo de perto, como já foi dito os elementos agora empregados. Se ao contrário, não estiver intacta será aproveitada para re-completamento dos elementos que irão iniciar a perseguição. O restante constituirá os elementos disponíveis do Capitão.

Para a perseguição, o Cmt. do Btl. geralmente organiza destacamentos compostos de Cia. de Fuzileiros com unidades de petrechos (é o que nós chamamos grupamentos temporários constituídos para cumprimento de uma missão especial (1)). Eles são comandados pelo Cmt. da Cia. de fuzileiros que é o responsável pelo bom êxito da operação. Excepcionalmente ele integrará esses elementos no seu pelotão de petrechos, porém o empregará sempre que necessário, em apêio aos elementos de 1.º escalão ou aos que no decorrer da ação, forem por ele, empregados. Se o Btl. se chocar com resistências inimigas, que não permitam mais sua progressão, as Cias. de fuzileiros asseguram imediatamente a posse do terreno conquistado, organizando-se. Para esse fim, o Cmt. da Cia. dá suas ordens.

A organização do terreno, nesse caso, é geralmente difícil, em virtude da desorganização das unidades e do fôgo quase sempre intenso do inimigo, que procurará por todos os meios

(1) Nota do tradutor.

perturbar a instalação. Quasi sempre será necessário esperar que escureça para melhorar ou mesmo completar as organizações das posições. Na organização das posições deve ser estabelecida uma ordem de urgência, devendo as armas de apôio entrar em posição imediatamente. Seguem-se as outras prescrições visando ou a manutenção da posição ocupada, ou a retomada do movimento, se fôr recebida, ordem para isso.

Durante uma parada temporária determinada, não por resistências inimigas, mas por ordem do Btl. para fazer deslocar uma base de fôgo para maior eficiência no prosseguimento do ataque, o Cmt. da Cia. deve tomar disposições, que ponham sua Cia. ao abrigo de qualquer surpresa, evitando assim perdas inúteis. As medidas a tomar serão semelhantes as que fôrem adotadas, quando procedeu a reorganização da sua Cia. Ele deve aproveitar ao máximo tais paradas, não só, para reajustar seu dispositivo, como recompletar a munição da companhia.

Muitas vezes, dependendo naturalmente do tempo da parada, será necessário construir abrigos ou mesmo trincheiras para proteger os homens contra as armas portateis do inimigo, contra sua artilharia e contra seus ataques aéreos.

A Cia. de Fuzileiros de reserva, no ataque

Na ordem de ataque do Cmt. do Btl. ele designa a Cia. que deverá ficar como reserva e o lugar que a mesma ocupará, inicialmente, no seu dispositivo de ataque.

Nessa ordem poderá fazer previsões para seus deslocamentos futuros; sôbre a proteção que a ele caberá dos flancos das sub-unidades, que avançam e bem assim a da ligação com as unidades vizinhas.

Logo após o recebimento da ordem, o Cmt. da Cia. faz o reconhecimento dos caminhos que o levem a posição a ocupar. Ele aproveitará aquela que lhe oferecer melhores condições de segurança e que apresentar bom desenfiamento de fogos vistas do inimigo, afim de evitar perdas e não denunciar o plano de ataque que será executado.

O Cmt. da Cia. destaca para junto do Cmt. do Btl. um agente de ligação e bem assim para as Cias., que irão constituir o 1.º escalão, para a de petrechos pesados e para as unidades A. T. (1), se houver.

Se possível, o Cmt. da Cia. guiará pessoalmente sua subunidade até a posição inicial, evitando cruzamentos com as Cias. que se destinam às suas bases de partida. Aí êle adotará um dispositivo que responda às missões que recebeu. Procurando não revelar a manobra do batalhão e nem sofrer perdas, verificará, se a posição ocupada o coloca ao abrigo dos ataques terrestres do inimigo, tirando do terreno a maxima vantagem para salvaguardar seus elementos dos ataques dos carros de combate e dos aviões.

A Cia. reserva, geralmente, se desloca por lanços, mediante ordem do Cmt. do Btl. Se por qualquer circunstância a Cia. reserva estiver a uma distancia tal a retaguarda das Cias. de 1.º escalão, que não as proteja eficazmente de qualquer contra-ataque do inimigo, o Cmt. da Cia. deve imediatamente e, pelo meio mais rápido, comunicar essa situação ao Cmt. do Btl., pedindo instruções e sugerindo mesmo as novas posições a ocupar.

O Cmt. da Cia. deve fazer todas as previsões possíveis de emprego da sua Cia. e em consequência, organizar os planos para enfrentar essas diversas emergências. Esses planos devem ser detalhados e completados gradativamente e, se houver tempo, serem submetidos à aprovação do Cmt. do Btl.

Ele explica em detalhe aos seus subordinados, êsses planos e calcula com eles o tempo necessário para a sua completa realização.

À Cia. reserva podem ser confiadas uma ou mais missões, conforme o caso:

— Desbordar, atacando em seguida, as resistências localizadas pelo 1.º escalão, seja por um movimento de infiltração na zona do Btl., seja na zona do Btl. vizinho (2).

— Anti-carros.

— Nêsse caso, depois dos necessários entendimentos, como aliás já foi dito nas atas (Nota do tradutor).

- Proteger os flancos das Cias. de 1.º escalão.
- Repelir contra-ataques, especialmente, os desencadeados contra os flancos.
- Apoiar a progressão das unidades vizinhas.
- Encarregar-se, no todo ou em parte, da missão do escalão atacante.
- Manter o contacto com as unidades vizinhas.

Quando à Cia. reserva é atribuída a missão de cobertura dos flancos, o Cmt. da Cia. deve expedir ordens necessárias para êsse fim aos Cmts. de pelotões, que pela sua localização no seu dispositivo estejam em condições de bem cumprá-las.

Eles devem, em consequência, expedir elementos de ligação para obter o contacto, antes mesmo do início do ataque.

Eles servirão também como elementos de reconhecimento para os futuros deslocamentos da Cia., desde que essa missão não interfira com a principal, que é a de manter o contacto com a Cia. que avança. A êsses elementos deve sêr determinada a remessa de informações diretamente ao P. C. do Btl. Por isso, devem ser dados a êles os deslocamentos prováveis desse mesmo P. C.

Para estar em condições de executar qualquer das missões acima enumeradas, o Cmt. da Cia. precisa estar, constantemente, informado sôbre a situação, não só por meio do reconhecimento feitos de pontos vantajosos do terreno, de postos de Observação por ele instalados, por elementos destacados com as Cias. de 1.º escalão, como pelo contacto constante com o Cmt. do Btl. em cujo P. C. ou P. O. estará. Se não puder fazer pessoalmente, o fará por intermédio de um oficial escalado para tal fim.

Quando à Cia. de reserva, fôr atribuída a missão de uma das Cias de 1.º escalão, ela agirá de acôrdo com o previsto para a Cia. de Fuzileiros no ataque.

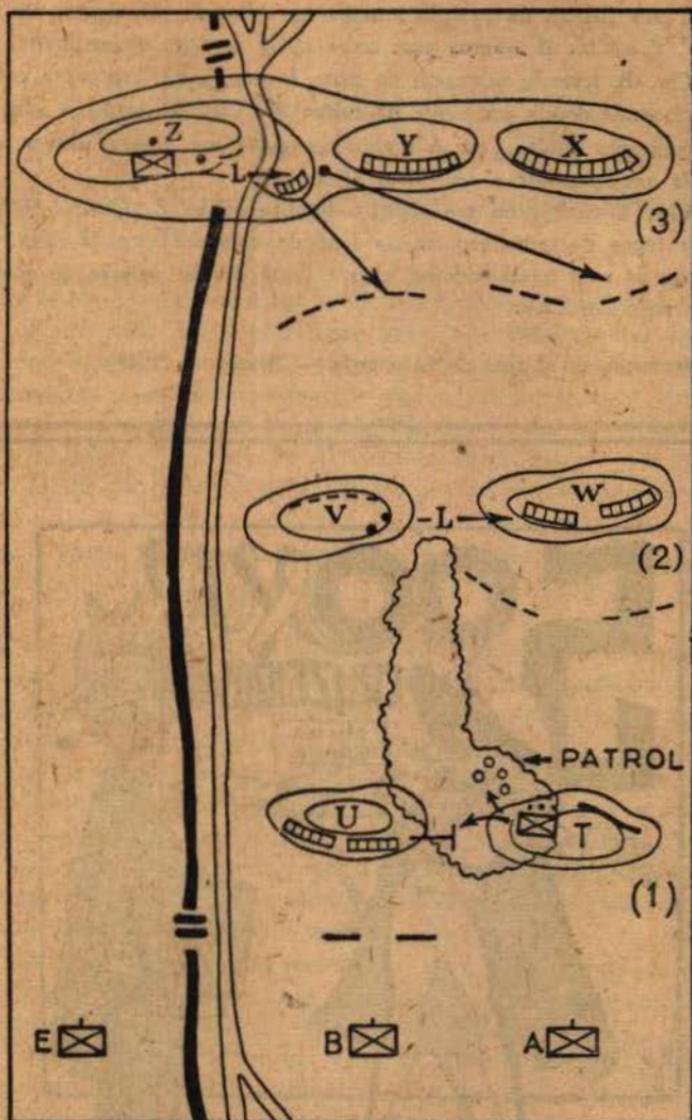


DIAGRAMA ESQUEMATICO

mostrando a assistência prestada es unidades vizinhas

(1) Companhia A, tendo capturado colina T, recebeu instruções para auxiliar a Cia. B na captura da colina U. Apóio de fogo é impossível devido ao cerrado mato interposto. A Cia. A, por isso, emprega seu pelotão de reserva

para atacar nos flancos da posição inimiga na colina U. O capitão da Cia. A manda Cia. E e Cia. B avançar para ter a ajuda de fogo da artilharia.

(2) Cia. B, levando vantagem do mato à sua direita, captura a colina V. Cia. A está sendo detida em frente da colina W. Cia. B. emprega suas metralhadoras leves para ajudar Cia. A e com isso apoia seu próprio avanço, afastando possíveis ameaças contra o seu flanco direito.

(3) Cia. E conquistou seu objetivo final, a colina Z. Cias. A e B estão detidas por fogos de metralhadoras no sopé de Este da colina Z. Cia. E emprega o fogo de suas metralhadoras leves e parte do seu pelotão de apoio para ajudar o avanço das Cias.

— (Tradução do Jornal de Infantaria — Março — 1943).

